

Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo

*On education: conversations with Riccardo Mazzeo**

Joaquim Sérgio Borgato**

* Título original do livro publicado em Cambridge, Inglaterra em 2012.

** Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia em Educação (Geted). E-mail: jsborgato@gmail.com

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

No livro, “Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo”, Zygmunt Bauman, pensador/sociólogo polonês radicado na Inglaterra desde 1971, autor dentre outras obras importantes; Amor líquido, Modernidade Líquida, O mal-estar da pós-modernidade, cunhou o conceito de “liquidez” para explicar o mundo contemporâneo. “Sobre educação e juventude”, realizado através de uma entrevista com Riccardo Mazzeo, editor do Centro Studi Erickson, em Trento, na Itália, e tradutor para o italiano das obras de Bauman, traz à tona reflexões sobre o papel da educação.

O livro é dividido em 20 capítulos, cada capítulo corresponde a uma pergunta e resposta entre Riccardo Mazzeo

e Zygmunt Bauman. A resenha seguirá a lógica do livro dividida em capítulos.

Capítulo 1 – Entre mixofilia e mixofobia

Riccardo Mazzeo inicia a entrevista agradecendo a Bauman por ter aceitado conversar com ele sobre educação com o tema, “A qualidade da inclusão escolar”. Bauman expõe seu pensamento sobre a crise da educação contemporânea, uma crise muito peculiar, com a falta de um modelo universal que tudo indica veio para ficar. Logo após, toca no assunto da migração, muito forte nos dias atuais, principalmente na Europa, e utiliza dos termos, mixofobia, medo de se envolver com estrangeiros e mixofilia, o prazer de estar num ambiente diferente e estimulante.

Capítulo 2 – José Saramago: formas de ser feliz

Riccardo Mazzeo recorre a José Saramago, escritor português, para expor a necessidade de um “contrato social” europeu que seja eficaz para os autóctones (nativos) e alóctones (estrangeiros), em que políticos praticam manobras que impossibilitem de os imigrantes atingirem os padrões necessários para se “integrar”, e cita José Saramago, quando disse que governos e cidadãos sabem o que é necessário para sair da crise, mas dispor a fazê-lo não é nada fácil. Isso é coisa que pedimos que os outros façam. Bauman concorda com Mazzeo e amplia essa discussão.

Capítulo 3 – Gregory Bateson e seu terceiro nível de educação

Neste capítulo, Mazzeo e Bauman, comentam a importância de Gregory Bateson para o tema educação, sua tese da distinção em três níveis: o nível mais baixo é a transferência de informação a ser memorizada; segunda, a “deuteroaprendizagem”, visa o domínio de uma estrutura cognitiva; e, por fim, a terceira, que expressa a capacidade de desmontar e reorganizar a estrutura cognitiva anterior ou desembaraçar-se totalmente dela, sem um elemento substituto. Bateson via, na terceira estrutura, um fenômeno patológico e antieducativo, a qual veio a transformar-se em norma do processo ensino/aprendizagem contemporâneo.

Capítulo 4 – Da oclusão mental à “revolução permanente”

A conversa agora é sobre a educação na Itália, e Mazzeo cita vários educadores, mas fixa-se principalmente na figura de Paola Mastrocola, que defende uma educação na qual os alunos devem simplesmente ter um conjunto de noções e depois cuspi-las.

Capítulo 5 – Carvalhos e bolotas ridiculamente minúsculas

Bauman, ao ser questionado sobre as possibilidades de os jovens encontrarem no futuro um novo comportamento, longe dos modismos atuais, é enfático e responde que “sim”. E então, acrescenta “Não nos esqueçamos de que toda maioria começou como uma pequenina, invisível e imperceptível minoria. E que mesmo os carvalhos centenários desenvolveram-se a partir de bolotas ridiculamente minúsculas”.

Capítulo 6 – Em busca de uma genuína “revolução cultural”

O diálogo neste capítulo é sobre a sociedade de consumidores orientada pelo mercado capaz de devorar tudo e a todos em proveito do lucro. As possibilidades de mudança radical na sociedade têm mínimas chances de dissidência efetiva e de libertação dos ditames do mercado. E afirma que nada menos que uma “revolução cultural” pode funcionar.

Capítulo 7 – A depravação é a estratégia mais inteligente para a privação

A discussão passa pelos meios de comunicação de massa que oferecem um cardápio de atrações com muita sensualidade e erotização. E Bauman vai adiante ao dizer que “A depravação é a estratégia mais inteligente para a privação. [...] É uma técnica insidiosa que torna agradável a privação contínua e faz da servidão algo percebido e sentido como liberdade de escolha”.

Capítulo 8 – Minutos para destruir, anos para construir

Este capítulo chacoalha a consciência do leitor com muito mais força do que vimos até o momento. Bauman, com sua capacidade e lucidez, traça um panorama dos acontecimentos do século XXI, a começar pelo estouro da bolha econômica ocorrida em 2008, nos Estados Unidos, e atingindo todo o mundo, com forte impacto na Europa. Questiona e critica o sistema baseado no consumo exagerado, na publicidade e marketing, no sistema bancário, que, ao prometer um mundo de felicidades, levou milhões de cidadãos ao alto endividamento e a consequente quebra e perda de seus bens. E o estado, salvando o sistema bancário com o dinheiro público, cortando verbas de todas as ordens. Ter um diploma agora não é mais a certeza de que terá um bom emprego, se tiver sorte, conseguirá um emprego temporário, flexível, sem um projeto de futuro.

Capítulo 9 – O jovem como lata de lixo da indústria de consumo

Aqui, Bauman chama a atenção para um ensaio de Henry Giroux de 3 de fevereiro de 2011, com o título “A juventude na era da dispensabilidade”. E Bauman então vai dizer que o que salva o jovem da total dispensabilidade é a sua potencial contribuição à demanda de consumo. Uma estratégia de marketing muito utilizada para capturar os jovens encontra-se na internet, onde, como que por mágica, as pessoas recebem mensagens publicitárias direcionadas aos seus desejos pessoais.

Capítulo 10 – O esforço para melhorar a compreensão mútua é uma fonte prolífica de criatividade humana

Bauman trata da dificuldade que há no contato com culturas diferentes e discorre sobre o papel do antropólogo que entra em contato com uma cultura diferente e tenta uma “fusão de horizontes”, que, na visão de Gadamer, é uma possibilidade distante, talvez inalcançável. A prática da comunicação intercultural para Bauman é cheia de armadilhas, e as incompreensões são a regra.

Capítulo 11 – Os desempregados sempre podem jogar na loteria, não podem?

Neste diálogo de Mazzeo e Bauman, o foco está na falta de oportunidades de trabalho até mesmo para aqueles que detêm diplomas de renomadas

universidades, e isto, em várias partes do mundo. Os pais que se sacrificam para que seus filhos tenham o melhor estudo e conseqüentemente uma vida de conforto, se veem frustrados. Se antes, só os que nunca tinham condições de frequentar uma boa universidade ficavam de fora das melhores oportunidades, hoje, estes jovens com pouca qualificação têm mais espaço para encontrar uma colocação no mercado de trabalho.

Capítulo 12 – Incapacidade, anormalidade e minoria como problema político

A discussão passa pela inclusão escolar de crianças com deficiência. E primeiramente, Bauman, vai dizer o que é “normalidade” e “anormalidade”, a partir da estatística. Onde há maior número de iguais, aí está a normalidade. Bauman encerra essa discussão dizendo, “A desigualdade de oportunidades educacionais é uma questão que só pode ser confrontada em ampla escala por políticas de Estado”.

Capítulo 13 – A indignação e os grupamentos políticos ao estilo enxame

Aqui, a reflexão recai sobre o fenômeno das grandes manifestações que têm ocorrido pelo mundo, organizadas pelas redes sociais, como um grito de liberdade e revisão dos direitos à cidadania. Com a relação à educação, Bauman cita o exemplo das manifestações ocor-

ridas no Chile por estudantes, cansados de escolas e universidades caras e de qualidade para poucos, e escolas e universidades também caras para muitos, porém, sem qualidade. O que Bauman questiona e chama de movimentos enxames, prolifera-se rapidamente, mas não se sustenta por muito tempo.

Capítulo 14 – Consumidores excluídos e intermináveis campos minados

Refletindo sobre acontecimentos da revolta de jovens na Inglaterra em 2011, Bauman aponta que tal fato ocorreu não porque as pessoas estavam com fome, mas sim, porque são consumidores excluídos e desqualificados.

Capítulo 15 – Richard Sennet sobre diferença

O diálogo de Mazzeo e Bauman neste capítulo concentra-se num fenômeno que vem ocorrendo já algum tempo. Uma classe social mais privilegiada está cada vez mais vivendo entre muros de seus belos condomínios, com medo das ameaças do mundo real e compara com o período da idade média quando a burguesia vivia protegida entre os muros do castelo. E cita, Sennet, “Ruas e escritórios tornam-se desumanos quando o que governa é a rigidez, a instrumentalidade e a competição; tornam-se humanos quando promovem interações informais, espontâneas e cooperativas”.

Capítulo 16 – Do “capitalista” de Lacan ao “consumista” de Bauman

A discussão passa por uma questão muito cara nos dias de hoje, como, bulimia, anorexia, depressão, ataques de pânico, uso de drogas e álcool. E, no foco da discussão, coloca que o que está detrás disso é a fuga de um relacionamento com um sujeito humano. Os relacionamentos com seres humanos são difíceis e arriscados.

Capítulo 17 – Zizek e Morin sobre o monoteísmo

Os pensamentos de Zizek e Morin são alvos para análise de Mazzeo e Bauman sobre os acontecimentos da revolta dos jovens em Londres. E a discussão fica centrada na questão da religião, principalmente nas três principais religiões monoteístas, cristianismo, judaísmo e islamismo. Para Zizek, a medida que a religião fornece “o significado absoluto” engendra o terrorismo. E Morin defende sua ideia de que a questão é criar diálogo entre fé e incerteza.

Capítulo 18 – A petite Madeleine de Proust e o consumismo

A partir da obra de Proust e sua “busca pelo tempo perdido”, Bauman e

Mazzeo analisam as estratégias de marketing que estimulam o consumo. Em seus livros, Proust descreve detalhadamente o ambiente em que ocorre a ação, de tal modo que, ao ler, o leitor pode ver e sentir o que está sendo descrito. Hoje, uma das recentes táticas de marketing é a utilização de aromas em ambientes comerciais capazes de nos envolverem e tomar a decisão de consumir o que está sendo oferecido.

Capítulo 19 – Sobre combustíveis, faíscas e fogueiras

A reflexão recai sobre os protestos nas praças pelo mundo e sua efetividade ou não. O que Bauman aponta claramente é que o mundo tal como o conhecíamos está saindo dos eixos. Os velhos remédios não funcionam mais.

Capítulo 20 – Sobre a maturidade da glocalização

Bauman apresenta o seu ponto de vista do que seja glocalização: “[...] é uma relação de amor e ódio, misturando atração e repulsa: o amor que anseia por proximidade misturado ao ódio que aspira a distância. [...] Trata-se de inevitabilidade destinadas a conviver. Para o bem ou para o mal. Até que a morte as separe”.

Recebido em abril de 2015

Aprovado para publicação em maio de 2015